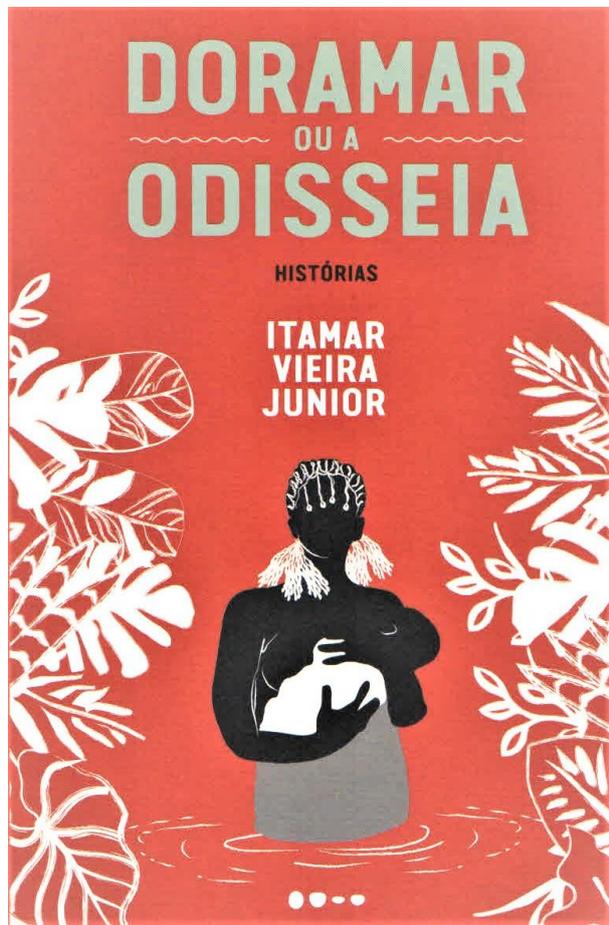


Itamar Vieira Junior e *Doramar*: sobre uma épica dos excluídos

Wander Melo Miranda*



A primeira impressão que se tem de *Doramar ou a odisseia*, de Itamar Vieira Junior, não é apenas o título inusitado e instigante, mas a de que todas as personagens, geralmente mulheres, “respiram terra, cheiram terra, são terra”. A força telúrica do livro vem, pois, da simbiose perfeita entre elementos da natureza e do feminino, ligados a uma ancestralidade que o autor faz questão de afirmar na dedicatória do livro às “mulheres, maternas, ancestrais” e na epígrafe tomada de empréstimo ao poeta sírio Adonis, com a qual se identifica: “Nasci numa aldeia/ pequena, reclusa como o útero/ e ainda não saí dela”.

Não se espere, por isso, uma guinada regionalista da narrativa à maneira do romance brasileiro de 1930, mesmo porque pouquíssimas vezes há localizações geográficas precisas — quase sempre feitas apenas uma só vez: Brasil, Salvador, Dakar — e nenhum apelo a vocabulário e sintaxe locais ou

regionais. A aposta de Vieira Junior é outra, refinada e inovadora no contexto atual, em que o tema urbano predomina. Vale-se do problema fundiário e da questão escravocrata, que nos assolam desde que o colonizador aqui chegou, para traçar o amplo arco de desolação que acompanha historicamente os deserdados da terra, em geral afrodescendentes e indígenas, fazendo ressoar uma voz que “atroa na noite da memória”.

Walter Benjamin opõe a História contínua do vencedor (branco, crescente-se) à tradição descontínua do vencido em busca da sua própria história. Vieira Junior a transforma na narrativa meio épica, meio lírica das vicissitudes de personagens rumo à liberdade perdida na travessia do mar que traz “os nossos para morrer de maus tratos e trabalho”, como diz o “nós” que narra *Farol das almas* e outras histórias e faz delas expressão de uma comunidade de destino. Ou então pode ser a voz solitária de Alma, no texto homônimo, escravizada que mata os senhores de engenho falidos, foge e se livra de vez da violência extrema sofrida, não sem antes enfrentar obstáculos sem fim, os quais supera com força e persistência incomuns, instigada pelo desejo do “acalanto de um lugar onde exista a liberdade”.

Por sua vez, Doramar, ao sair para a rua, se depara com um “cão moribundo encolhido de morte” e se vê lançada — numa identificação inconsciente com o animal — a uma sorte de epifania às avessas das donas-de-casa de Clarice Lispector, escritora presente numa frase do texto. Mas a vez agora não é a da patroa da zona sul carioca, mas a da “empregada doméstica cansada de seu trabalho”. A imagem do cão e seu desamparo, que é também o dela, desencadeia a revisita ao passado miserável que se mistura com o presente e dá à personagem — *dor, amar, mar, ar*: “cabe um mar inteiro em seu nome” — consciência do seu lugar subalterno na história que se conta e, enfim, a leva “ao encontro consigo mesma”, num final surpreendente, como nos melhores contos clariceanos.

Como toda narrativa épica que se preza — uma épica dos excluídos, vale destacar — , peripécias, acontecimentos singulares, aventuras extraordinárias adquirem um tom fabular e encantatório que não diminui o viés participante dos textos, antes o ressalta, retomando, assim, a natureza ancestral das narrativas orais de onde parecem provir. É o caso, por exemplo, de *O espírito aboni das coisas*, que mistura palavras da língua jarawara com o português, para narrar o périplo de Tokowisa em busca das folhas e frutos da palmeira de abatosi para curar sua mulher Yanice, grávida. Ou então, em *O que queima*, onde Som-de-Pé se sente morrer com as árvores, plantas e bichos.

Apesar das dificuldades que enfrentam ou justamente por conta delas, cada uma das personagens de Vieira Junior é movida pela “vontade de ser livre”, mesmo se essa vontade resulte em condenação à morte, caso do poeta preso na Ilha do Medo, líder de um movimento contra a ordem repressora e que aglutina todos aqueles que fazem “de seus caminhos uma trilha para a libertação dos outros”, como está dito em *A oração do carrasco*. Não é outro o desejo das imigrantes de *Meu mar (fé)*, seja a mulher que vem de Dakar para a Bahia no contêiner de um cargueiro com um filho no ventre e na viagem perde o marido, seja a haitiana que com ela divide o trabalho de vendedora ambulante, vivendo ambas no estreito limite entre “fecundar a América” e “perecer na América”.

Todas essas histórias encontram, enfim, seu desfecho ou suplemento no “manto da apresentação” de Arthur Bispo do Rosário, comovente encerramento do belo livro. A agulha que borda a palavra — do artista, do escritor, do afrodescendente — vem de “tempos imemoriais” e tece “um novo mundo para maravilhar o homem”. Domada como um “cavalo arisco”, ela, a palavra, pulsa viva no livro-manto que lhe devolve o fascínio original e apocalíptico ao anunciar rosianamente “o beco para a liberdade se fazer”.

(In: Suplemento *Pernambuco*, julho de 2021)

Referência

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia*: histórias. São Paulo: Todavia, 2021.

* Wander Melo Miranda é Professor Titular aposentado de Teoria da Literatura do Pós-Lit UFMG, Professor Emérito da Faculdade de Letras da UFMG, Professor visitante da UNEB, além de membro da Academia Mineira de Letras. Dentre suas inúmeras publicações, destacam-se: *A trama do arquivo* (1999); *Local/global* (1998); *Narrativas da modernidade* (1999); *Graciliano Ramos* (2004); *Corpos escritos – Graciliano Ramos e Silviano Santiago* (2.ed. 2009); *Nações literárias* (2010); *Os olhos de Diadorim e outros ensaios* (2019).